



=====

DIAGNÓSTICO SÓCIO-AMBIENTAL DA BACIA DO RIO UNA (ALIANÇA) NO SUL DA BAHIA

HORA, Jemima Bonfim¹; AMORIM, Raul Reis²; MOREAU, Ana Maria Souza Santos³;
PEREIRA, Zislândia¹; MOREAU, Maurício Santana²; OLIVEIRA, Antônio Fabrício
Vasconcelos¹; SOUZA, Rafael Jorge Storto¹; ANDRADE, Ana Cláudia Silva².

Palavras-Chave: Bacia Hidrográfica; Aspectos Físicos; Aspectos Sócio-econômicos
Eixo Temático: Gestão de Bacia Hidrográfica

RESUMO

Objetivou-se diagnosticar as transformações ocorridas na Bacia do Rio Una (Aliança), nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Para tal, caracterizou-se a estrutura sócio-econômica, bem como, as formas de ocupação e o meio físico (geologia, geomorfologia, pedologia, clima e vegetação). Para o meio físico, utilizou-se informações da CEPLAC e Superintendência de Geologia e Recursos Minerais da Bahia, além de saídas de campo para levantamento das classes de solos, uso atual, material de origem dos mesmos e identificação dos processos erosivos. Os aspectos sócio-econômicos foram avaliados, mediante informações coletadas no censo do IBGE no período de 1970 a 2000, contagem da população de 1996 e Censo Agropecuário de 1996. A referida bacia apresenta diversidade litológica, sendo constituída por rochas sedimentares de baixo grau de metamorfismo, depositadas sobre gnaisses, migmatitos e granulitos. Com clima tropical úmido de chuvas abundantes e bem distribuídas anualmente, aliado, as variadas feições geomorfológicas, a pedogênese resultou na formação de Latossolos Vermelho, Vermelho-Amarelo e Amarelo; Espodossolos; Nitossolos; Neossolo Quartzarênico; Argissolos Vermelho e Vermelho-Amarelo, constituindo-se, no geral, em solos com boas características químicas e de fertilidade. Tais características influenciaram a produção econômica, estando pautada na atividade primária, sobretudo na monocultura cacaujeira, mesmo após a crise da lavoura. Dentre os municípios pesquisados, Una foi o primeiro a diversificar sua economia, com atividades ligadas a fruticultura, exportação de dendê e exploração de piassava após a inserção de colonos japoneses no distrito de Colônia de Una durante a década de 50. Pelas condições de relevo, a bacia do Rio Una (Aliança) apresenta pouco potencial para atividades pecuárias, e esta foi implantada em propriedades que buscaram substituir o cacau por gado.

¹

² Estudantes do curso de Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Rodovia Ilhéus/Itabuna, Km: 16, Bairro: Salobrinho, Ilhéus-BA. CEP: 45650-000. e-mail:reisraul@uol.com.br

³ Professores Adjuntos do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais (DCAA) da UESC. e-mail: amoreau@uesc.br



1. Introdução

Em pleno século XXI, as sociedades buscam manter estratégias de convivência harmoniosa com a natureza, desempenhando uma relação desenvolvimento/preservação, levando-as a um grande desafio: utilizar os recursos naturais e os elementos da técnica de forma racional na (re)produção do espaço geográfico.

Para Cunha & Guerra (2003), ao agir sobre a natureza, o trabalho produz não somente uma simples modificação na forma da matéria, mas, além disso, um resultado simultâneo sobre o trabalhador. Na concepção marxista, a relação do homem com a natureza é sempre dialética: o homem enforma a natureza ao mesmo tempo em que esta o enforma.

Tal relação vem transformando o espaço geográfico do Sul da Bahia. Com a inserção da técnica após a ocupação portuguesa do século XVI, ocorreu uma exploração da área de forma irracional e indiscriminada, tendo como consequência a degradação de um dos ecossistemas de maior biodiversidade do planeta.

As atividades extrativistas e posteriormente, as atividades agrícolas, transformaram a paisagem natural em uma paisagem artificializada, alterando assim a dinâmica dos fatores naturais. Como exemplo pode-se mencionar as modificações no clima ocasionadas pela ação antrópica nas áreas florestais, com consequente aumento da temperatura e diminuição das chuvas; exposição da camada superficial dos solos com intensificação dos processos erosivos e dissecação do modelado.

Assim, o presente trabalho objetivou diagnosticar as transformações ocorridas na Bacia do Rio Una (Aliança), localizada no Sul da Bahia, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Para tal, caracterizou-se a estrutura sócio-econômica, bem como, as formas de ocupação e o meio físico (aspectos geológicos, geomorfológicos, pedológicos, climáticos e de vegetação) da mesma.

2. Material e Métodos

A caracterização do meio físico foi feita utilizando dados e informações geradas pela CEPLAC (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira) em uma publicação intitulada: “Série Diagnóstico Socioeconômica da Região Cacaueira”, composta de vários exemplares como: Geologia Econômica e Recursos Minerais (Gonçalves, 1976); Recursos Hídricos (Rocha Filho, 1976); Reconhecimento Climatológico (Roeder, 1975); Aptidão Agrícola dos Solos da Região Cacaueira (Silva et al., 1975); Recursos Florestais (Gouvêa et al., 1976) e Dinâmica e Uso da Terra (Leite, 1976). Aliada a estas informações, foi



consultado o Mapa Geológico do Estado da Bahia: Texto Explicativo (Barbosa e Dominguez (org.), 1996); a fim de complementação no entendimento e dinâmica do meio físico.

Realizou-se saídas de campo objetivando um maior detalhamento das informações obtidas referentes as classes de solos e seu uso atual, material de origem dos mesmos, processos erosivos, agentes naturais atuantes na construção do modelado da Bacia do Rio Una (Aliança).

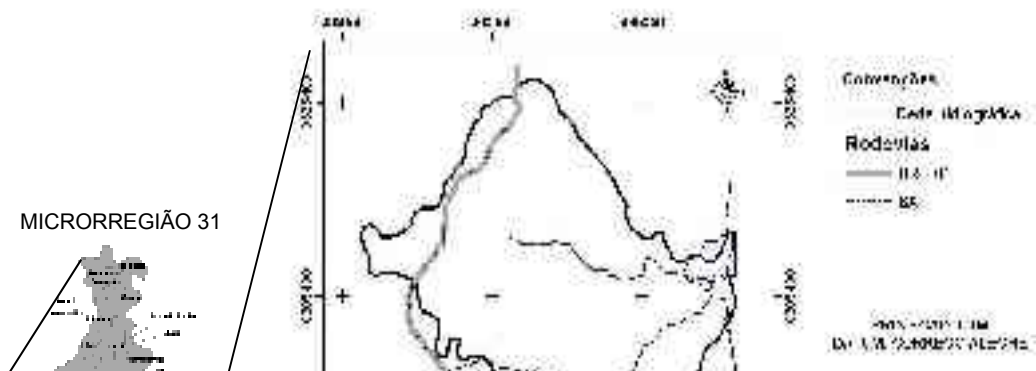
Os aspectos sócio-econômicos foram avaliados mediante informações coletadas no censo do IBGE no período de 1970 a 2000, contagem da população de 1996 e Censo Agropecuário de 1996. Os dados foram coletados por município, no entanto, os mesmos foram agrupados a fim de possibilitar uma melhor compreensão das inter-relações entre estes e o meio físico.

3. Resultados e Discussão

3.1 Localização e características gerais da Bacia Rio Una (Aliança)

A Bacia do Rio Una (Aliança), localizada no Sul da Bahia entre os paralelos 15°03' – 15°25' de latitude sul e os meridianos de 39°00' – 39°29' longitude oeste (Figura 01), limita-se ao norte com a Bacia do Rio Cachoeira; a nordeste com a Bacia Litorânea; a oeste com as Bacias dos Rios Cachoeira e Pardo, ao sul com a Bacia do Rio Pardo; e a leste com o Oceano Atlântico (Rocha Filho, 1975).

Com uma superfície de 1.695 km², a mesma abrange no todo, ou em parte, os municípios de Arataca, Santa Luzia, São José da Vitória e Una, apresentando como rio principal o Una (Aliança), que recebe esta denominação a partir da confluência dos braços Norte e Sul, o que se dá nas imediações do núcleo colônia, tendo a partir deste ponto uma extensão de 25 km.



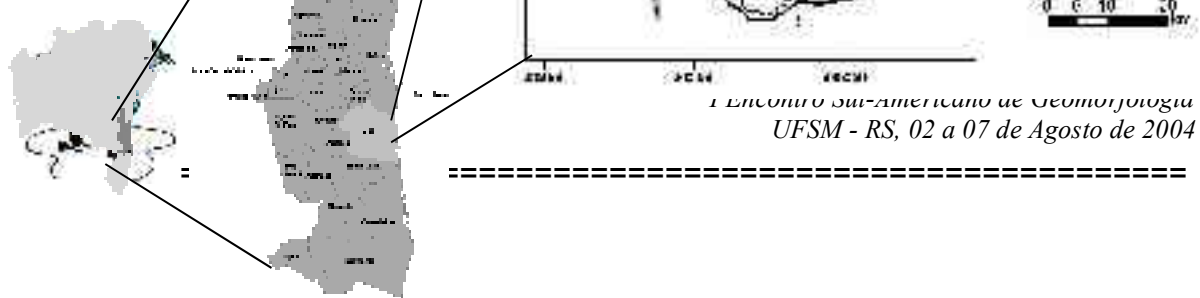


Figura 01: Localização da Bacia Una (Aliança). Fonte: CEDIC/UESC, 2004.

3.2. Meio físico e suas interrelações morfogenéticas

A Bacia do Rio Una (Aliança) é formada por rochas sedimentares de baixo grau de metamorfismo, de idade meso e neoproterozóica, depositadas sobre gnaisses, migmatitos e granulitos de idade paleoproterozóica e arqueana, por sua vez intrudidos por granitos e diques básicos do Mesoproterozóico (Pedreira, 1996). As mesmas foram formadas em períodos geológicos distintos e assim, a referida bacia é testemunha de diversos processos tectônicos. O embasamento, cuja idade vai do Arqueano ao Paleoproterozóico, compreende granulitos, gnaisses e migmatitos do Cinturão Granulítico. Cerca de um bilhão de anos atrás, no final do Mesoproterozóico, iniciou-se a sedimentação de parte da bacia, com deposições de leques aluviais em bacias do tipo graben, resultando nas Formações Salobro e Camacã, ambas pertencentes ao Grupo Rio Pardo. O Cenozóico foi marcado por mudanças climáticas e conseqüente deposição de sedimentos pré-intemperizados na faixa costeira do Brasil. Na referida bacia este evento resultou na deposição de sedimentos arenoargilosos do Grupo Barreiras e recentemente (Quaternário) depósitos arenosos (Gonçalves, 1976).

A litologia constituída por rochas ígneas e metamórficas de resistência uniforme e rochas sedimentares de estratificação horizontal condicionou o padrão de drenagem da bacia, caracterizada como dentrítico, definido por Cunha & Guerra (2001) como semelhante a galhos de uma árvore.

A litologia da bacia associada a ação de agentes endógenos e exógenos no modelado resultou em variadas feições geomorfológicas, sendo as mesmas assim dispostas de leste



=====

para a oeste: Planícies Marinha e Fluviomarinha, Tabuleiros Costeiros, Tabuleiros Pré-Litorâneos, Tabuleiros do Rio Pardo, Serras e Maciços Pré-Litorâneos.

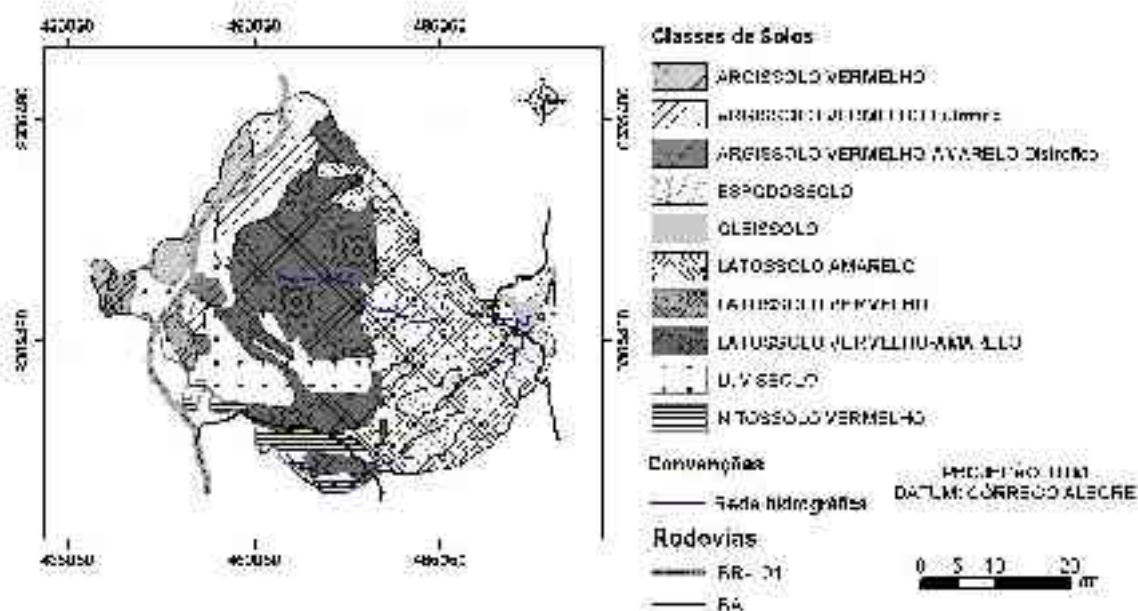
As Planícies Marinha e Fluviomarinha desenvolvem-se sobre os depósitos Quaternários, apresentando variação altimétrica entre 0 a 20 m. A Planície Marinha apresenta como principal agente de modelagem o oceano enquanto na planície fluviomarinha atuam os agentes marinho e fluvial.

O agente fluvial na constituição da Planície Fluviomarinha apresenta um papel secundário, porque a bacia do rio Una (Aliança) é considerada uma bacia hidrográfica de pequeno porte, apresentando uma vazão menor, se comparada a vazão de bacias que apresentam maior rede de drenagem como a bacia do Rio Pardo. A menor vazão leva a um menor débito de sedimentos na costa (Rocha Filho, 1976).

Próximo à costa desenvolvem-se flechas associadas a extensas praias e terrenos arenosos, com formação oriunda do transporte realizado pelas correntes longitudinais, levando os rios a apresentarem seu curso final paralelo à costa. Neste ambiente desenvolve-se vegetação de Restinga sobre solos classificados como Espodossolos e Neossolos Quartzarênicos (Figura 02), formando cordões litorâneos paralelos à linha de costa. Por sua localização em uma área privilegiada (faixa de praia), os processos de ocupação antrópicos com loteamentos e pousadas vem a cada ano degradando o ecossistema.

Acompanhando o curso dos rios, mas, ainda sob a influência das marés, desenvolve-se na área, os manguezais. Tal ecossistema é típico das zonas estuarinas tropicais e a sua vegetação é inundada temporariamente, sendo constituída por plantas halófilas adaptadas ao alto índice de salinidade e baixa concentração de oxigênio (Ab'Saber, 2003) sobre solos classificados por Gomes (2002), como Gleissolos Sálícos, Gleissolos Tiomórficos e Gleissolos Melânicos (Figura 02). A preservação deste ecossistema é importante para a vida marinha e estuarina por caracterizar-se como um dos ecossistemas costeiros de maior produtividade.

Figura 02: Mapa de distribuição dos Solos da Bacia do Rio Una (Aliança). Fonte: CEDIC/UESC, 2004.



Após as Planícies Marinha e Fluvio-marinha adentra-se na feição dos Tabuleiros que são divididos em Costeiros, Pré-Litorâneos e do Grupo Rio Pardo.

Os Tabuleiros Costeiros tem média altimétrica dos 100 m e inclinação geral para o mar. Tal feição coincide com o Grupo Barreiras, formado por sedimentos areno-argilosos que foram transportados por fluxos de lama durante o Terciário, sendo os sedimentos provenientes do desmonte de antigas superfícies.

Como tabuleiro, resulta de uma superfície de aplainamento neogênica, dissecado homogeneamente, formando interflúvios tabulares de extensão pequena a média, entalhados profundamente por alta densidade de ravinas.

As declividades são moderadas localmente, chegando a forte. Na porção sudeste da Bacia, o padrão de drenagem é alinhado no sentido SO-NE, por influência da estruturação do embasamento.

O clima tropical úmido com chuvas abundantes e bem distribuídas anualmente, relevo plano e suave ondulado em sedimentos do Grupo Barreiras, condicionaram uma pedogênese, neste trecho da bacia, que resultou na formação de Latossolos e Argissolos Amarelos (Figura 02), caracterizados pela baixa atividade de argila, baixa fertilidade e cores amareladas pela presença de goethita (Embrapa, 1999).

Os Tabuleiros Pré-Litorâneos situam-se em torno de 100 a 200 m de altitude. Coincidem com parte do Grupo Barreiras e principalmente áreas de ocorrência do embasamento. Durante a última transgressão marinha a 5 milhões de anos (Barbosa e



=====

Dominguez (org), 1996), os Tabuleiros Pré-Litorâneos eram falésias ativas, com escarpas abruptas no contato com o mar.

Identificou-se, neste domínio, solos pertencentes as classes dos Latossolos Amarelos e Espodossolos (Figura 02), estando estes nas pequenas depressões. A gênese dos mesmos parece antagônica. Trata-se de solos de baixa fertilidade natural, com conseqüente restrições ao uso agrícola. Na área, são aproveitados com pastagens naturais, plantações de piassava, coco-da-baía e diversas frutas, tratando-se portanto de cultura de poucas exigência nutricional. Quanto a sua gênese, algumas hipóteses tem sido levantadas para a ocorrência de Latossolo Amarelos associados a Espodossolos em tabuleiros, dentre elas, Moreau (2002) destaca: a) desenvolvimento a partir de material das fácies de granulometria grosseira do próprio Barreiras; b) deposição de material arenoso do quaternário sobre o Barreiras; c) acidólise com destruição de argila e erosão do material mais arenoso para a parte abaciada com posterior formação do Espodossolo. Já sobre o Embasamento Cristalino, desenvolvem-se os Argissolos Vermelho e Vermelho-Amarelo e Latossolos Vermelho e Vermelho-Amarelo.

Já na parte compreendida pelo Tabuleiro do Rio Pardo a litologia constituída por filitos, metassilitos, calcários, dolomitos, conglomerados e ardósias do Grupo Rio Pardo, aliado ao clima tropical úmido, levou a formação de manchas de solos (Nitossolos, Argissolos Vermelho e Vermelho-Amarelo e Latossolos Vermelho e Vermelho-Amarelo - Figura 02) com características químicas e de fertilidade mais favoráveis ao seu uso agrícola. A cor destes solos reflete a riqueza em ferro no próprio material de origem e conseqüente disponibilidade de nutrientes.

Comparando os Latossolos Amarelos de ocorrência na bacia em estudo, percebe-se que a diversidade no material de origem proporcionou a formação de Latossolos semelhantes quanto aos seus atributos físicos e morfológicos, mas com diferenças marcantes quanto a sua composição química. Isso é comprovado quando analisa-se um Latossolo Amarelo formado a partir de uma rocha do Cinturão Granulítico (Tabuleiro Pré-Litorâneo) e outro formado de rochas inconsolidadas do Grupo Barreiras (Tabuleiro Costeiro). O primeiro, apresenta uma maior reserva de nutrientes que aquele formado por material do Grupo Barreiras. Isso é justificado pelo fato dos sedimentos do Grupo Barreiras serem pré-intemperizados e edafizados antes da deposição e o outro, ser formado diretamente do intemperismo de rochas do embasamento cristalino, portanto, menos sujeito ao transporte.



=====

Sobre os Tabuleiros da Bacia do rio Una (Aliança) hoje, as manchas de Mata Atlântica são cercadas pela vegetação de capoeira, ou seja, vegetação secundária. Esta vegetação é constituída por espécies vegetais de alto porte, sendo as árvores frondosas, de folhas largas e sempre verdes.

O modelado que era recoberto pela Mata Atlântica, fora durante a história de ocupação da bacia, bastante devastada. Os remanescentes que existem atualmente estão associados as plantações de cacau. A introdução do gado, a partir da década de 1950, vem favorecendo os processos erosivos, sendo acelerados pelo pisoteio animal sobre os solos das encostas pouco protegidas.

É importante frisar que nestas manchas de Mata Atlântica, a preservação de um número considerável de espécies dá-se, dentre outros fatores, mediante a criação de reservas particulares de fazendas de cacau ou pela criação de áreas de proteção ambiental pelo Governo Federal como a Reserva Biológica de Una, sancionada pela lei de número 85463-80. Outro fator de preservação das espécies está na existência do dorsel superior para sombreamento do cacau, que, regionalmente, recebe a denominação de “cabrunca ou cabruca”.

As Serras e Maciços Pré-Litorâneos abrangem um modelado movimentado, entremeados por áreas relativamente planas. Bahia (1996) caracteriza, geomorfologicamente, esta unidade pela ocorrência de interflúvios convexizados, configurando colinas e morros que assumem feições de serras. As encostas apresentam-se convexas, côncavas e retilíneas, associadas a afloramentos de rocha. As vertentes são íngremes, com declividade acentuada a forte, e os topos das serras podem ser aguçados.

Os desníveis são acentuados, com altitudes que variam de menos de 100 a 300 m nas áreas mais planas e entre 500 a 800 m nas encostas mais íngremes. Incluem os principais relevos positivos da área e a sua distribuição a NW a SE delimita a depressão Itabuna-Itapetinga (Leite, 1976).

O desenvolvimento das Serras e Maciços Pré-Litorâneos é fruto da ação de agentes de denudação em terrenos escarpados, onde a remoção do manto de intemperismo permitiu que as rochas do substrato ficassem expostas ou pouco profundas.

Pedologicamente, as Serras e Maciços Pré-Litorâneos caracterizam-se pela ocorrência de Latossolos e Argissolos Vermelho Eutróficos e os Luvisolos (Figura 02). Estes solos, devido a própria riqueza do material de origem e pela sua gênese está relacionada a área com menor índice pluviométrico (entre 750 a 1000 mm anuais) (Roeder, 1975), apresentam um caráter de eutrofia. Registra-se o desenvolvimento de solos com



=====

argila de atividade alta, saturação por bases superior a 50% e reserva em potencial de nutrientes.

Apesar da geomorfologia caracterizada por Serras e Maciços Pré-litorâneos, portanto com desníveis acentuados onde espera-se uma boa drenagem e lixiviação dos produtos do intemperismo, a pedogênese neste trecho resultou na formação de solos mais argilosos, com estrutura em blocos forte a moderada, presença de cerosidade e riqueza química. Estas características advêm de uma gênese controlada por clima com menor precipitação, aliada a material de origem com maior presença de minerais ferromagnesianos.

3.3. Aspectos socioeconômicos

A Bacia do Rio Una (Aliança) tem sua produção econômica pautada na atividade primária (agricultura, pecuária e extrativismo), desde sua ocupação inicial (final do século XIX), sobretudo na monocultura cacaeira. Isso vem afetando, ao longo dos anos, a infraestrutura urbana, tornando-a pouco desenvolvida, em relação as cidades circunvizinhas como Ilhéus e Itabuna (SEI, 1998). Tal fato pode ser comprovado mediante a análise do quadro socioeconômico atual dos quatro municípios que compõem a referida bacia: Una, Santa Luzia, Arataca e São José da Vitória.

Conforme a Tabela 1, a população de Una, comparando com os demais municípios da bacia, sofreu um decréscimo populacional entre as décadas de 1980 e 1990 em decorrência da crise da lavoura cacaeira agravada pela vassoura-de-bruxa, voltando a ter um acréscimo substancial entre 1991 e 1996. Dentre as possíveis causas deste aumento destaca-se a mudança na base econômica do município no referido período. Em 1991 a monocultura cacaeira era destaque na região e com o declínio da produtividade houve uma necessidade de instalação de outras culturas. A partir de 1991 o cultivo da piassava, coco-da-bahia e seringueira passam a constituir a base econômica de Una e assim, quase não ocorreu evasão populacional, além de receber, ao longo dos anos, um contingenciamento populacional dos municípios circunvizinhos que mantiveram sua economia pautada no cacau. Isto é claramente comprovado ao analisar-se o decréscimo na população absoluta de Arataca e Santa Luzia, para o mesmo período (1991/2000).

Na bacia em estudo, a concentração da população na cidade não é reflexo de predomínio de atividades econômicas urbanas como o comércio e a indústria. O campo não absorve toda a mão de obra disponível, levando a população a migrar para outras cidades maiores como Ilhéus, Itabuna e Porto Seguro. Em Arataca, Santa Luzia e São José da Vitória quem não busca outras cidades, migra para a sede do município tendo como



alternativa de emprego o serviço público e o comércio local. Outra fonte de renda na sede destes municípios são as aposentadorias e os programas sociais do Governo Federal para menores em idade escolar, como Bolsa Escola, Bolsa Alimentação e Vale Gás.

Tabela 1: População total, rural e urbana dos municípios da Bacia do Rio Una (Aliança) em 1970, 1980, 1991, 1996 e 2000.

| Municípios | Situação | Ano | | | | |
|----------------------|----------|--------|--------|--------|--------|--------|
| | | 1970 | 1980 | 1991 | 1996 | 2000 |
| Arataca* | Total | - | - | 13.594 | 12.030 | 11.218 |
| | Urbana | - | - | 4.456 | 5.989 | 5.483 |
| | Rural | - | - | 9.138 | 6.041 | 5.735 |
| Santa Luzia* | Total | - | - | 16.319 | 16.260 | 15.503 |
| | Urbana | - | - | 7.410 | 8.084 | 8.329 |
| | Rural | - | - | 8.909 | 8.176 | 7.174 |
| São José da Vitória* | Total | - | - | 8.768 | 6.837 | 6.210 |
| | Urbana | - | - | 5.217 | 3.752 | 5.154 |
| | Rural | - | - | 3.551 | 3.085 | 1.056 |
| Una | Total | 22.344 | 37.601 | 23.757 | 31.114 | 31.261 |
| | Urbana | 4.177 | 7.233 | 5.347 | 6.177 | 15.274 |
| | Rural | 18.167 | 30.368 | 18.410 | 24.937 | 15.987 |
| Total** | Total | 22.344 | 37.601 | 62.438 | 66.241 | 64.192 |
| | Urbano | 4.177 | 7.233 | 22.430 | 24.002 | 34.240 |
| | Rural | 18.167 | 30.368 | 40.008 | 42.239 | 29.952 |

* os municípios só foram emancipados em 1985.

** nos anos de 1970 e 1980 considerou apenas a população de Una. Fonte: www.ibge.gov.br.

Mesmo com a cacauicultura apresentando uma grave crise, a participação desta atividade na economia da bacia é considerável. Observando-se a Tabela 2, constata-se que a produção cacaueteira sofreu algumas alterações ao longo dos últimos onze anos. No entanto, a crise na lavoura advém de décadas passadas e apenas foi agravada nos últimos anos. Andrade (2003), afirma que o ciclo do cacau pode ser dividido em quatro fases:

- A primeira fase (1746 até 1930) - período do desbravamento e consolidação da lavoura que vai desde a introdução das primeiras sementes e a formação das primeiras roças de cacau. Em 1895, período da emancipação de Una, o Sul da Bahia exportou 112 mil sacas e seis anos mais tarde o Brasil ocupara o primeiro lugar na exportação mundial, e em 1927, passa a exportar pelo Porto de Ilhéus, mais de 1 milhão de sacas;
- A segunda fase, caracterizada como fase da organização econômica da lavoura, ocorreu entre 1930 e 1957, período marcado pela grande produção, comercialização e exportação



=====

que começa a partir de 1957 entrar em declínio, com a diminuição da produção, devido esgotamento nutricional dos solos e pela falta de renovo dos antigos cacauais (tinham em média 50 anos) que produziam cada vez menos;

- A terceira fase limitou-se entre 1957 e 1988, caracterizada pela crise da produtividade, no qual a instabilidade no mercado internacional, levou ao declínio do preço do cacau e ao aumento no preço dos insumos. Problemas de ordem natural atingiram a área, como a oscilação de temperatura favorecendo a podridão parda;
- A quarta fase é a fase atual, caracterizada como a fase da destruição da lavoura que teve início em 1988, com a instalação da vassoura-de-bruxa na região, que fez com que a produção diminuísse cada vez mais.

Tabela 2 – Produção de amêndoas de cacau em toneladas nos municípios da bacia do Rio Una (Aliança) entre 1990-2001.

| Ano | Municípios | | | |
|------|------------|---------------------|-------------|-------|
| | Arataca | São José da Vitória | Santa Luzia | Una |
| 1990 | 2.585 | 2.635 | 3.174 | 2.000 |
| 1991 | 2.478 | 2.591 | 3.096 | 1.600 |
| 1992 | 9.029 | 1.980 | 2.340 | 7.666 |
| 1993 | 9.029 | 1.980 | 2.340 | 8.517 |
| 1994 | 9.029 | 1.980 | 2.340 | 8.517 |
| 1995 | 8.791 | 2.085 | 6.981 | 8.506 |
| 1996 | 4.930 | 1.176 | 3.552 | 7.720 |
| 1997 | 4.883 | 1.455 | 4.925 | 9.900 |
| 1998 | 4.830 | 1.460 | 4.499 | 9.970 |
| 1999 | 3.098 | 1.350 | 3.108 | 6.908 |
| 2000 | 2.384 | 1.223 | 2.100 | 5.515 |
| 2001 | 2.178 | 1.098 | 1.269 | 4.388 |

Fonte: www.ibge.gov.br

Como reflexo da monocultura cacauaieira, a infra-estrutura urbana apresenta-se pouco desenvolvida (Tabela 3). Equipamentos básicos ligados à saúde e educação apresentam-se em número bastante reduzido, levando a população a procurar tais serviços em outras cidades da região. Outro problema é a falta de agências bancárias desfavorecendo a economia dos municípios, uma vez que para efetuar pagamentos e recebimentos, a população e principalmente os funcionários públicos devem deslocar-se a cidade mais próxima que disponibilize o serviço. Una, emancipado-se em 1895, apresenta uma infra-estrutura urbana mais desenvolvida, se comparada a outros municípios da bacia (que eram vilas até 1985), e deficiente, quando comparada a municípios circunvizinhos como Ilhéus e Itabuna que apresentam população e atividades econômicas predominantemente urbanas.



Os municípios, da bacia em estudo, apresentam atividades econômicas e grande parcela da população ligada ao setor rural.

Tabela 3 - Condições dos equipamentos da infra-estrutura urbana dos Municípios de Arataca, Santa Luzia e São José da Vitória em 2000.

| Categoria | Municípios | | | |
|--|------------|-------------|---------------------|-----|
| | Arataca | Santa Luzia | São José da Vitória | Una |
| Hospitais | 0 | 0 | 0 | 2 |
| Unidades Ambulatoriais | 3 | 5 | 1 | 7 |
| Estabelecimentos de Ensino Fundamental | 32 | 43 | 12 | 86 |
| Estabelecimento de Ensino Médio | 1 | 2 | 2 | 2 |
| Bancos | 0 | 0 | 0 | 1 |

Fonte: www.ibge.gov.br

Quanto a estrutura fundiária, no que se refere a condição legal das terras (Tabela 4), percebe-se que predomina o uso de terras próprias, sendo que em média cada propriedade apresenta área de 50,68 hectares enquanto outras modalidades de exploração da terra (arrendadas, em parceria e ocupadas) apresentam número bastante insignificante. O predomínio de terras próprias, é reflexo do processo de ocupação da área que durante o século XIX foi disputada entre os desbravadores e coronéis de cacau que disputavam a terra por grilagem.

Tabela 4 - Número de estabelecimentos e área dos estabelecimentos por condição legal das terras da Bacia do Rio Una (Aliança) em unidade e hectares, para o ano 2000.

| Condição legal das terras | Número de estabelecimentos por condição legal das terras (Unidade) | Área dos estabelecimentos por condição legal das terras (Hectare) |
|---------------------------|--|---|
| Terras próprias | 4253 | 215.577,10 |
| Terras arrendadas | 3 | 16,3 |
| Terras em parceria | 79 | 1.060,95 |
| Terras ocupadas | 75 | 1.077 |

Fonte: www.ibge.gov.br

Na Tabela 5, percebe-se que as lavouras permanentes ocupam a maior área e o maior número de estabelecimentos em toda a bacia, reflexo da monocultura instalada na região. O plantio do cacau, mesmo com a crise, ainda apresenta expressividade na economia da área estudada. Dentre os municípios analisados, Una foi o primeiro a diversificar sua economia, com atividades ligadas a fruticultura, exportação de dendê e exploração de piassava após a inserção de colonos japoneses no distrito de Colônia de Una durante a década de 50. A



partir de 1996, o município passou a beneficiar parte da sua produção, com a implementação de pequenas indústrias com as de palmito e polpa de frutas (Farias, 2001).

Os municípios da bacia do Rio Una (Aliança) apresentam pouco potencial para atividades pecuárias, se comparados a outras regiões do Estado da Bahia como a microrregião agropastoril de Itapetinga e de Feira de Santana (Bahia, 2004). A pecuária instalou-se principalmente em áreas de pastagens naturais. As pastagens artificiais representam metade da área de pastagens naturais. Foram implantadas em propriedades que buscaram substituir o cacau por gado. Nas áreas de matas naturais e artificiais predominam as atividades extrativistas, principalmente o extrativismo de madeira em tora (Farias, 2001), no entanto, com um forte declínio devido as ações mais eficazes de combate a extração de madeira de órgãos públicos como o IBAMA e Organizações Não-Governamentais. É bastante considerável a área de Matas e Florestas Naturais na área da bacia, preservada em função da lavoura cacauzeira, que necessitava da sombra da vegetação para desenvolver-se.

Tabela 5 - Área e número de estabelecimentos por utilização das terras na Bacia do Rio Una (Aliança) em hectare e unidade em 2000.

| Utilização das Terras | Área em hectare | Número de Estabelecimentos |
|----------------------------------|-----------------|----------------------------|
| Lavouras permanentes | 88.280,62 | 3.991 |
| Lavouras temporárias | 2.598,309 | 851 |
| Lavouras temporárias em descanso | 3.083,1 | 339 |
| Pastagens Naturais | 30.999,04 | 2.082 |
| Pastagens Plantadas | 14.117,7 | 900 |
| Matas e Florestas Naturais | 63.017,19 | 2.646 |
| Matas e Florestas Artificiais | 1.191,406 | 65 |
| Terras produtivas não-utilizadas | 9.023,384 | 922 |
| Terras Inproveitadas | 5.420,62 | 1.897 |

Fonte: www.ibge.gov.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bacia do Rio Una (Aliança) nos últimos anos vêm apresentando transformações sócio-espaciais devido a implantação e posterior crise da lavoura cacauzeira (Andrade, 2003), que levou a região a buscar recuperar-se da crise econômica.

O meio físico, com a intervenção humana, vêm sofrendo transformações, como a diminuição da pluviosidade pela retirada da mata; o crescente número de ravinamentos em



decorrência do uso inadequado do solo; a diminuição da vazão dos rios e o assoreamento pela ocupação das margens e a retirada da mata ciliar entre outros.

Ao utilizar os elementos naturais como recurso em atividades produtivas, as sociedades utilizam técnicas nocivas ao ambiente, não permitindo sua auto-recuperação.

A atividade agrícola desde o século XIX manteve como base a monocultura cacaueteira voltada para exportação. Os municípios de Ilhéus e Itabuna recebiam os maiores investimentos na área urbana, por serem centros de comercialização e exportação de cacau, em detrimento aos demais municípios da Região Cacaueteira que mantinham seu desenvolvimento urbano insipiente (Andrade, 2003).

A implantação de novas culturas e a instalação de pequenas indústrias dão um novo direcionamento da economia local em decadência após declínio da lavoura cacaueteira.

A Bacia do Rio Una (Aliança) apresenta um potencial bastante grande no desenvolvimento de atividades primárias, sobretudo, deve-se realizar com um estudo de técnicos para evitar cada vez mais impactos e um manejo da Bacia sustentável (Schiavetti, 2003).

BIBLIOGRAFIA

AB'SABER. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidade paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ANDRADE, M. P. **Ilhéus: Passado e Presente**. Editus, Ilhéus, 2003.

BARBOSA, J. S. F. e DOMINGUEZ, J. M. L. (org.). **Geologia da Bahia: Texto explicativo para o mapa geológico ao milionésimo**. Salvador: Secretaria de Indústria, Comércio e Mineração. Superintendência de Geologia e Recursos Minerais, 1996. 400p.

BAHIA. **Plano Diretor de Recursos Hídricos: Bacias da Região Leste**. Salvador: Secretaria de Recursos Hídricos, Saneamento e Habitação; Superintendência de Recursos Hídricos, 1996. 194p. (Volume I - Tomo I)

BAHIA, **Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia**. www.sei.ba.gov.br (2004).

BRASIL, **Relatório do censo 2000**. www.ibge.gov.br

CUNHA, S.B. e GUERRA, A. T. **Geomorfologia: Uma Atualização de Bases e Conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

CUNHA, S.B. e GUERRA, A. T. **Questão Ambiental: Diferentes Abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.



=====

EMBRAPA. Centro Nacional de Pesquisa de Solos (Rio de Janeiro, RJ). **Sistema brasileiro de classificação de solos**. Brasília: Embrapa Produção de Informação; Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 1999. 412p.

GOMES, F. H. **Caracterização de solos de manguezais e de restinga no município de Ilhéus-Bahia**. Viçosa: UFV, 2002. 96p. (Dissertação de Mestrado)

GOUVÊA, J. B. S. **Recursos Florestais**. Rio de Janeiro: Carto-gráfica Cruzeiro do Sul, 1976. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira).

GOMES, J. F. E RAMOS, L. M. **Importância Econômica do Mangostão para o Município de Una-BA**. UESC, 2002. (monografia)

GONÇALVES, E. **Geologia Econômica e Recursos Minerais**. Rio de Janeiro: Carto-gráfica Cruzeiro do Sul, 1976. 142p. (Diagnóstico Sócio-Econômico da Região Cacauzeira)

LEITE, J. O. **Dinâmica do Uso da Terra**. Rio de Janeiro: Convênio II RA / Ceplac, 1976 (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira).

MOREAU, A. M. S. S. **Gênese, mineralogia e micromorfologia de horizontes coeso, fragipã e duripã em solos de tabuleiro costeiro do sul da Bahia**. Viçosa: UFV, 2001. 137p. (Tese de Doutorado)

PEDREIRA, A. J. **Geologia e Minerais da bacia metassedimentar do Rio Pardo, Bahia**. Salvador: CBPM, 1996. 18p. (Série Arquivos Abertos; 11)

ROEDER, Miguel. **Reconhecimento Climatológico**. Rio de Janeiro: Cartográfica Cruzeiro do Sul, 1975. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira)

ROCHA FILHO, C. A. **Recursos Hídricos**. Rio de Janeiro: Convênio II RA / Ceplac, 1976 (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira)

SCHIAVETTI, A. (org.). **Conceitos de Bacias Hidrográficas**. Editus, Ilhéus, 2002.

SILVA, L. F. **Aptidão agrícola dos solos da região cacauzeira**. Rio de Janeiro: Cartografia Cruzeiro do Sul, 1975. (Diagnóstico sócio-econômico da região cacauzeira)